

Nº 22

CITROS: BALANÇO E PERSPECTIVAS

Engº Agrº Antonio Ambrósio Amaro

BIBLIOTECA
CENTRAL
EMATER - ES

MARÇO/74

C I T R O S : BALANÇO E PERSPECTIVAS

Eng^o Agr^o Antonio Ambrósio Amaro

Após a colheita recorde (10% mais que a anterior) de 1972/73, da ordem de 40 milhões de toneladas a produção mundial de citros apresentou, na temporada de 1973/74, declínio em diversos países produtores importantes, como Estados Unidos (- 8%), Espanha (- 17%) e Israel. Em contrapartida, no Hemisfério - Sul previam-se no início do ano colheitas mais generosas destacando-se os aumentos previstos no Brasil (+ 20%) e Argentina. Consequentemente, uma apreciação final da safra mundial de citros para 1973/74, possivelmente, só estará disponível em meados do ano, depois da realização da 6ª reunião do Grupo Intergovernamental de Citricultores da FAO, a realizar-se de 27 de maio a 04 de junho em Atenas (Grécia).

O LADO DO VENDEDOR

A despeito, porém, das menores colheitas relativas, estimadas nos países da bacia do Mediterrâneo, previa-se que suas exportações no decorrer da atual safra de inverno (novembro a maio) seriam em conjunto superiores (16%) às realizadas na safra passada, como se pode observar no quadro 1, que indica as estimativas de exportações feitas pela CLAM (Associação de Citricultura do Mediterrâneo).

Não só em virtude desses aumentos previstos na oferta, mas em decorrência da crise do petróleo com seus efeitos derivados, as cotações da fruta-fresca, nos principais mercados importadores, não têm correspondido às expectativas dos produtores, principalmente da Espanha, o maior exportador, fazendo com que também as perspectivas da futura safra de verão não sejam das mais lisonjeiras, quanto aos volumes a serem absorvidos e preços. Nesta conjuntura, situa-se a citricultura brasileira, com previsões iniciais de uma exportação de fruta fresca possivelmente inferior ao índice obtido em 1973 (CAP da 2ª edição de dezembro de 1973, pag. 23).

Do lado da industrialização contudo as previsões são mais otimistas tanto entre produtores brasileiros como argentinos, onde se espera que ocorram aumentos na produção e exportação de suco, em relação as cifras recordes de 1973. Assim, em São Paulo, as primeiras indicações dão conta de que deverão ser processadas cerca de 42 a 45 milhões de caixas (40,8 kg) no decorrer de 1974, significando um aumento na produção da ordem de 20% sobre as estimativas do ano anterior.

Ressalte-se, ainda, que o aumento de 37% obtido nas exportações de suco concentrado de laranja no ano civil 1973, relativamente a 1972, foi conseguido graças ao "carry over" (estoques) de 1972, estimado em cerca de 45 milhões de toneladas, que permitiu que nos primeiros cinco meses do ano fossem exportados volumes recordes para esse período do ano, quadro 2.

Da mesma forma na Argentina, as expectativas são de que as exportações em 1974 consigam atingir 15 mil toneladas de suco, favorecidas por um reembolso de 25% contra as 12.055 obtidas em 1972. Situação semelhante ocorre no Uruguai, onde em 1973 as exportações de citros (laranja e limão) dobraram em relação a 1972 (540.000 caixas contra 250.000), devido à melhoria da qualidade.

O LADO DO COMPRADOR

Visto do lado dos produtores, passemos a observar o comportamento dos compradores nos últimos anos, com destaque para 1973. Pelo quadro 3, é possível notar-se que os grandes países de destino do suco de laranja brasileiro - continuam a ser Alemanha, Holanda, Estados Unidos, Canadá e Suécia, que em conjunto, receberam 93% do total.

Importante observar quatro pontos entre os compradores, situam-se alguns países também grandes produtores de suco, como Estados Unidos, Israel e Espanha, que adquirem o produto brasileiro para complementação de suas necessidades e mistura com a produção local entre quatorze clientes tradicionais, nove ampliaram suas compras e cinco diminuíram em relação a 1972; surgiram três novos compradores (Grécia, Haiti e Malásia) que não haviam figurado nenhuma vez na relação de portas de destino do suco brasileiro enquanto nove deixaram de comprar, embora no passado já tenham-no adquirido pelo menos uma vez (Argentina, Austria, Escócia, Gales, Peru, Itália, África Portuguesa e África do Sul).

A LIDERANÇA BRASILEIRA

É possível pois afirmar-se que o suco brasileiro tem conseguido penetrar em quase todos os mercados importadores, principalmente levando-se em conta que não se consideraram na análise as reexportações feitas, principalmente a partir da Holanda. Ressalte-se, também, que não foram diretamente atingidos ainda, os promissores mercados do Leste Europeu (principalmente Rússia e Polônia) cujas perspectivas parecem ser muito boas, enquanto que para o Japão já seguem pequenas quantidades absolutas, mas de forma crescente (aumento de 72% de 1972 para 1973).

Diversos fatores têm contribuído para que o Brasil assumisse essa posição de liderança na exportação mundial de suco concentrado congelado de laranja, entre os quais podem ser assinalados crescente oferta de matéria-prima agrícola; colheita durante largo período (cerca de 200 dias) do ano; ausência de acidentes meteorológicos (geada, seca) capazes de comprometer as colheitas e a boa qualidade do suco brasileiro. Do lado da demanda, a melhoria do padrão de vida nos países consumidores e conseqüente aumento nos índices de consumo "per capita" - têm favorecido nossas exportações, aliado ao fato de que o mercado interno brasileiro não pressiona a produção, visto que se dispõe de fruta fresca quase o ano inteiro e praticamente em todos os Estados.

O desempenho do setor, nos últimos anos, traz à baila a questão das perspectivas em futuro próximo; como reagirá a produção, quais as variações de preço, qual o comportamento das indústrias, enfim como poderá evoluir a

citricultura nacional. Sob esses aspectos muito há o que sugerir, discutir e ponderar, às vezes com características de futurologia, porém sempre com um objetivo-comum, qualquer que seja a área chamada a se pronunciar: o crescimento harmônico da citricultura, dando-lhe sólidas bases econômicas para prosperar.

A POSIÇÃO DOS ESTADOS

No quadro 4, são apresentadas as projeções de produção de la ranja nos principais Estados produtores para os próximos cinco anos, e no quadro-5 a possível utilização da fruta no Estado de São Paulo, que se constitui no prin cipal produtor.

Ressalte-se porém que, à exceção de São Paulo, onde se considerou inclusive a idade dos pés, essas projeções refletem apenas a tendência his tórica, sem levar em conta os aumentos que poderão ocorrer com melhoria tecnol ógica, maior adubação e tratos culturais adequados. Pondere-se também que grande con tingente dos pés plantados sequer atingiu a idade adulta (7 anos), o que faz au mentar as possibilidades de que essas produções se realizem.

Evidentemente, essas ampliações e melhoria tecnológicas estão relacionadas aos bons preços recebidos pelos citricultores de quase todos os Esta dos nos últimos anos, estimulando-os e permitindo-lhes a adoção de técnicas moder nas e maior aplicação de adubos, corretivos e defensivos.

De imediato todavia, surge a questão de custos crescentes de produção, particularmente no momento quando se observa uma alta exagerada nos pre ços dos principais produtos utilizados pela lavoura, pondo em dúvida a manutenção das taxas de crescimento previstas.

OS PONTOS CONTRA

BIBLIOTECA
CENTRAL
EMATER - ES

Outros pontos importantes na citricultura podem ser citados e mereceriam análises mais cuidadosas por parte dos interessados e autoridades responsáveis, pois são queixas atuais dos citricultores, e que deverão aumentar não só à medida em que a margem de lucro se tornar mais estreita, mas naturalmente - sentidas com a ampliação da área cultivada. Entre eles, citem-se: são escassas - ou quase inexistentes as pesquisas sobre pulverizações no tocante a tipos de má quinas a serem empregadas em nossas condições e como usá-las adequadamente; falta orientação aos citricultores, especialmente nos aspectos fitossanitários; muitas vezes os defensivos não contêm as dosagens de princípio ativo anunciadas, podendo-se dizer o mesmo no tocante a fórmulas de adubos a julgar-se pelas constantes ma nifestações dos produtores. Como corolário da grande expansão, verifica-se nitida mente a falta de pessoal habilitado nas fazendas, capazes de operar eficientemente tratores, pulverizadores e outros equipamentos que exigem um conhecimento mai or do que apenas o trivial das "turmas de bóias-frias". O mesmo talvez possa ser dito quanto à colheita, onde é cada vez maior o emprego de mulheres e crianças, es caseando o pessoal para os casos que exigem mais cuidados (produto para expor tação).

Todos esses pontos ganham realce quando se sabe que somente sairá vitoriosa a citricultura sadia, o que no momento é uma incógnita no Brasil, dada a presença do cancro cítrico, que constitui ameaça permanente, capaz de destruir tudo o que foi conseguido.

O QUADRO INDUSTRIAL

Se para a lavoura o quadro é o descrito, também na área industrial e do comércio existem perspectivas e questões bastante interessantes. A principal é a confiança que os industriais depositam na evolução favorável do consumo de suco em várias partes do mundo, acompanhada pelo barateamento relativo dos preços aos consumidores, de modo que maiores populações tenham condições de adquiri-lo.

Fica de imediato formado um nó pela necessidade da redução de custos de produção do suco, sem sacrificar exclusivamente o produtor agrícola (matéria-prima) que, numa segunda fase, poderá "matar a galinha" (quem sabe de ovos de ouro). A solução estará certamente na diversificação dos produtos a serem conseguidos, com o máximo aproveitamento da fruta através da obtenção de derivados e subprodutos comerciais (pellets para rações; óleos; álcool; vitaminas; essências; etc.).

Nessas condições, as indústrias necessitarão de se equiparem e também de ampliações que possibilitem a obtenção de quantidades mínimas econômicas, o que conseqüentemente levará à necessidade de uma política racional de crédito em condições adequadas de juros e prazos de amortização.

Como na área agrícola, também na industrial já se sente pequena escassez de pessoal habilitado a conduzir as unidades de fabricação principalmente no que diz respeito a auxiliares químicos, responsáveis por descarga e controle de colheitas, chefes de packing-houses, etc.

E O MERCADO INTERNO?

Outro ponto interessante de análise é o comportamento do mercado interno de suco, onde os níveis de consumo são ainda muito baixos (menos de 10% da produção total), por falta de uma adequada estrutura de distribuição do produto, que exige refrigeração, aliada a seu custo relativamente elevado e que encontra na fruta fresca, abundante e disponível o ano todo, sério concorrente. Sem dúvida o crescimento populacional e o maior poder aquisitivo acabarão por desenvolver esse amplo mercado potencial, particularmente se forem feitas campanhas educacionais mostrando que no nosso clima o hábito de consumo de suco (rico em sais minerais e vitamina C) é uma necessidade alimentar.

Do balanço de tudo que se procurou analisar, mesmo sumariamente, chega-se a uma conclusão importante, que não pode ser perdida de vista por to dos aqueles ligados ao setor: não deveremos abrir o "guarda-chuva" de preços altos capaz de abrigar concorrentes que estão ou querem participar do mercado à custa de subsídios, incentivos de produção e outras medidas artificiais de preços competitivos.

Possivelmente a união de esforços virá através da Associação-Citrícola de São Paulo, ora em formação, e que deverá congrega produtores, indus-triais, exportadores, comerciantes, fabricantes de equipamentos e viveiristas.

QUADRO 1 - ESTIMATIVAS DE EXPORTAÇÕES DE CITROS IN-NATURA POR DIVERSOS PAÍSES

SAFRAS 1973/74 e 1972/73 - EM MIL TONELADAS

PAÍSES	LARANJAS	E TANGERINAS	LIMÕES		POMELOS		TOTALS	
	1972/73	1973/74	72/73	73/74	72/73	73/74	72/73	73/74
ESPAÑA	1.368	1.521	20	125	1	1	1.459	1.717
MARROCOS	615	764	1	2	2	1	618	767
ARGÉLIA	145	135	1	-	1	1	147	136
TUNISIA	30	33	3	25	-	-	32	50
ITÁLIA	146	143	300	200	-	-	445	443
ISRAEL	712	751	20	25	255	265	987	1.041
CHIPRE	131	161	26	30	42	60	206	251
GRÉCIA	23	134	-	10	-	-	83	144
TURQUIA	59	55	60	30	5	4	124	69
LÍBANO	124	120	-	40	-	10	124	170
EGITO	130	200	-	-	-	-	138	200
CAZA	52	50	-	5	-	5	52	60
T O T A L	3.594	4.127	501	602	212	347	4.407	5.076

FONTE: CLAN

QUADRO 2 - EXPORTAÇÃO DE SUCCO CONCENTRADO DE LARANJA PELO PORTO DE SANTO -1968/1973

MÊS	1968	1969	1970	1971	1972	1973
	TONELADAS - PESO LÍQUIDO					
JANEIRO	1.347,1	2.047,9	422,1	3.563,4	6.485,9	7.971,0
FEVEREIRO	705,6	393,7	2.606,5	2.940,4	3.584,8	10.453,5
MARÇO	889,1	1.124,8	492,3	5.190,6	4.240,3	10.007,1
ABRIL	289,7	412,3	108,2	2.156,4	4.032,8	6.152,0
MAIO	164,0	553,1	613,1	2.981,4	3.200,4	4.124,6
JUNHO	1.806,9	1.214,4	1.618,4	1.854,7	4.399,3	6.109,4
JULHO	2.822,9	2.921,1	2.769,3	10.460,4	7.949,9	5.979,1
AGOSTO	2.796,3	2.034,7	2.758,2	5.465,6	9.134,1	17.283,6
SETEMBRO	1.819,1	2.305,0	2.443,8	9.783,6	9.855,7	10.990,7
OUTUBRO	4.229,1	5.039,3	5.346,9	10.439,3	12.102,0	22.231,1
NOVEMBRO	7.434,1	3.463,3	8.014,9	5.545,4	16.855,5	10.699,3
DEZEMBRO	1.576,8	2.581,7	4.090,3	13.047,1	9.280,5	12.662,0
T O T A L	25.880,7	24.091,3	31.290,0	73.428,3	91.121,2	124.663,4

FONTE: SASP - IEA

QUADRO 3 - EXPORTAÇÃO DE SUÇO CONCENTRADO DE LARANJA - SÃO PAULO - 1968- 1973

(TONELADAS - PESO BRUTO)

PORTO DESTINO	1968	1969	1970	1971	1972	1973
ALEMNHA	5.004	10.957	20.103	29.629	36.291	57.101
CANADÁ	5.108	4.613	4.374	9.151	12.510	8.463
HOLANDA	2.584	4.385	4.209	9.607	13.915	35.343
U.S.A.	12.864	3.527	1.109	22.425	20.943	15.201
SUÉCIA	572	850	1.129	2.544	6.746	11.679
ISRAEL	-	684	2.115	491	1.304	2.613
INGLATERRA	223	514	623	1.330	887	546
DINAMARCA	496	302	256	677	778	1.401
BÉLGICA	50	55	234	767	1.717	1.359
NORUEGA	-	94	163	917	459	912
FILANDIA	-	16	-	83	388	1.399
ESPAÑA	221	104	163	451	502	481
FRANÇA	23	-	34	652	224	1.188
OUTROS	21	-	832	497	143	829
T O T A L	27.166	26.101	35.394	79.221	96.807	138.515

FONTE: SASP/IEA.

QUADRO 4 - PROJEÇÃO DA PRODUÇÃO DE LARANJA - BRASIL 1974 - 1979 - EM 1.000 CAIXAS

ESTADO	1974	1975	1976	1977	1978	1979
SERGIPE	1.840	1.970	2.100	2.240	2.370	2.500
BAHIA	1.790	1.860	1.940	2.020	2.090	2.170
MINAS GERAIS	7.610	7.800	7.980	8.160	8.340	8.520
RIO DE JANEIRO	6.900	7.360	7.820	8.290	9.750	9.200
GUANABARA	3.920	4.070	4.210	4.350	4.500	4.640
SÃO PAULO	82.000	92.000	105.000	119.000	130.000	143.000
RIO-G.DO SUL	4.590	4.650	4.720	4.780	4.850	4.910
SUB-TOTAL	108.650	121.710	134.270	148.840	160.900	174.940
BRASIL	119.000	133.000	147.000	163.000	176.000	192.000

FONTE:

QUADRO 5 - UTILIZAÇÃO DA OFERTA DISPONÍVEL DE LARANJA NO ESTADO DE SÃO PAULO

PROJEÇÕES PARA 1974 - 1980 - (1.000 CAIXAS)

ANOS	ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO	COMERCIAL (90%)	EXPORTAÇÃO FRUTA FRESCA	ENVIADA A OUTROS ESTADOS	ESTIMATIVA CONSUMO DE SÃO PAULO	INDUSTRIAL ESTIMADO	%	EXCEDENTE AVALIADO
1974	82.000	73.800	2.500	5.000	16.000	48.000	58,5	2.300
1975	92.000	82.800	2.500	5.000	17.000	63.000	68,5	- 4.700
1976	106.000	94.500	2.500	5.000	18.000	69.000	65,7	0
1977	119.000	107.100	2.500	5.000	18.000	78.000	65,5	3.600
1978	130.000	117.000	2.500	5.000	19.000	87.000	66,9	3.500
1979	143.000	128.700	2.500	5.000	19.000	95.000	66,4	7.200
1980	155.000	139.500	2.500	5.000	20.000	106.000	68,4	6.000

Extraído do CORREIO AGRO-PECUÁRIO
2ª quinzena, março de 1974

=/=/=/=/=/=/=/=/=/=/=/=/=/=/=/=/=

.../mjp.

BIBLIOTECA
CENTRAL
EMATER - ES